

\* Novas escrituras e mediações em saúde

## Janela da Alma: a visão das entranhas

### **Dra. Ana Maria Agra Guimarães**

Departamento de Artes Cênicas (UnB-CEN). Graduada em Letras pela UFPB. Mestre em Teoria Literária e Doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professora adjunta do Departamento de Artes Cênicas (CEN-UnB).  
agraanana@yahoo.com.br

### **Ana Carolina Lima Corrêa**

Departamento de Artes Visuais (UnB-VIS). Graduada em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília (UnB). Possui experiência em Arte/Educação. Desenvolve trabalho em fotografia, pintura e performance, ligado a questões de gênero e sexualidade.  
carolina@gmail.com

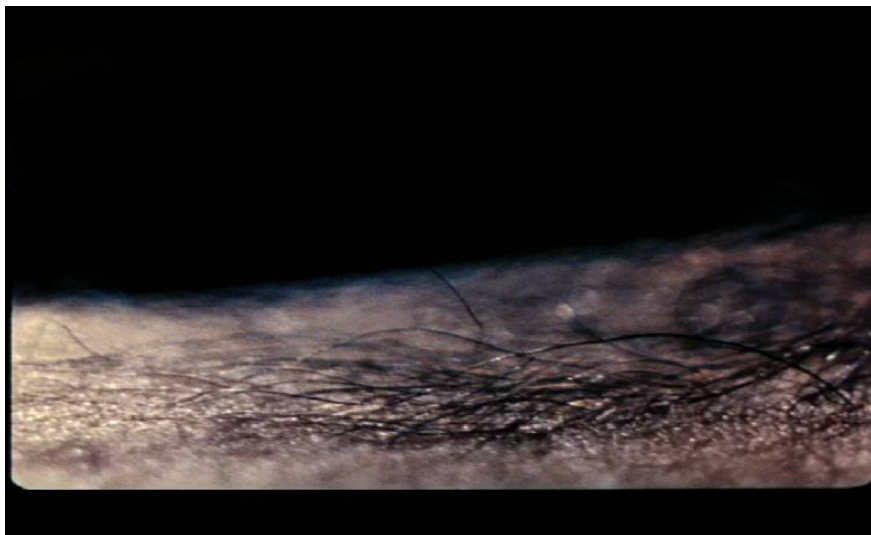
DOI: 10.3395/reciis.v6i3.639pt

---

“Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (Livro dos Conselhos *apud* José Saramago)

Inspirado na frase de Leonardo da Vinci *os olhos são as janelas da alma* o filme *Janelas da Alma* (2001), de João Jardim e Walter Carvalho condensa depoimentos de artistas, cientistas, escritores e cineastas para mostrar outras possibilidades de visão, valorando, desse modo, as várias percepções que são possíveis. O filme explora, em sua técnica, por meio do enquadramento, fotografia e sonoplastia formas poéticas ligadas à multiplicidade de visões além da apreensão das retinas.

*Janelas da Alma* é um filme que não trata da cegueira, mas da realidade que precisa ser desafiada a partir dela. Os depoimentos presentes no filme apontam para a superação, para a abertura de outras possibilidades de percepção, acréscimo de sentido dado ao mundo por meio da constituição de uma subjetividade recriada.

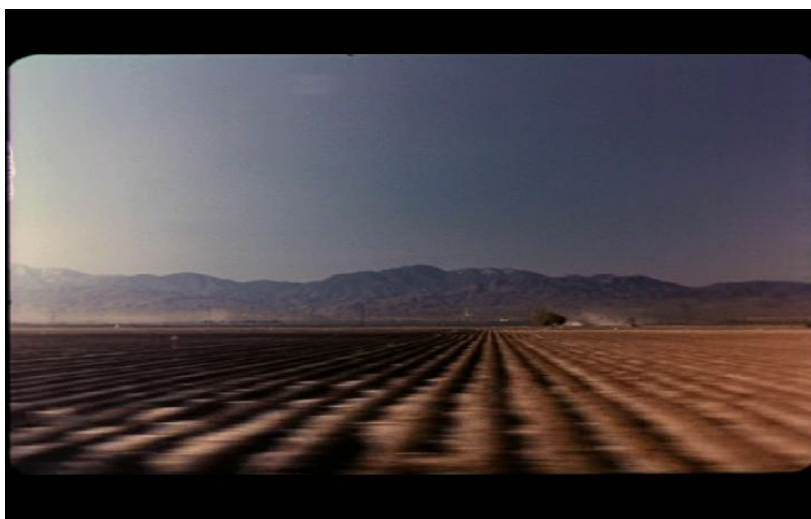


Como diz o professor de literatura entrevistado, "o incômodo faz pensar", ou seja, desafia as pessoas a construírem outras formas de dar sentido à existência.

O poeta Manoel de Barros, afirma no filme que "eu não acho que seja pelo olho que entram as coisas minhas". De fato, sua poesia é plena de sons da natureza, murmúrios, tinidos de folhas secas, escuta profunda de um mundo que fala, acrescentando sentido ao olhar.

Outro depoimento memorável é o de José Saramago quando metaforiza a cegueira. Para ele a cegueira habita a maior parte dos seres, pois mesmo tendo a visão, o ser humano pouco vê. Está cego para boa parte da realidade: não percebe as árvores, as plantas, os sentimentos em relação aos outros e a si mesmo.

Para o professor de literatura, fica explícito que ver é, sobretudo, interpretar o mundo, interpretação que não necessariamente passa pela visão, mas advém como uma abertura para a realidade. Desse modo, *Janelas da Alma* é um filme que nos conduz a crer em uma nova constituição da subjetividade, filtrada pelo crivo da alma, possibilidade de se apreender por novos meios. São essas formas que amparam a falta do sentido da visão. Se estamos atentos a tudo que se nos apresenta, é possível, pois, um acréscimo de percepção. O corpo da visão se transfigura em um campo mais vasto, que transforma as percepções exteriores em percepções interiores, podendo resultar numa subjetividade mais complexa.



As entrevistas são intercaladas com imagens sem câmera fixa, possibilitando um espaço de devaneio, em que os espectadores podem se projetar dentro do filme. Dentro desse espaço mais silencioso, o tempo do filme se dilata na profusão de imagens simples: um deserto, a vista de um engarrafamento numa cidade grande e etc. Um tempo de percepção, ou seja, o mundo não é dado de imediato, mas construído por imagens e percepções que o sujeito formula a partir de sua poética individual. Em diversas cenas, são enquadradas imagens extremamente familiares – luzes da cidade – que se tornam quase irreconhecíveis, abstratas, pelo desfoque e granulação da imagem, como se fossem desprendidas da realidade.

O filme foge de uma apreensão normativa da visão, considerando que os chamados distúrbios de visão são outras formas de ver, ampliando, desse modo, o conceito de visão. A nossa percepção humana da realidade é balizada pela interação do nosso aparato fisiológico - retina, cones e bastonetes - com a luz, e, ainda assim, os próprios seres humanos percebem as cores

de modo diferente. Até mesmo dentro do espectro da dita "visão normal e sadia" existe toda uma variedade de modos de ver.

Nesse mundo de excesso de imagens, menos se vê. A superabundância gera uma cegueira. Não se é possível sentir as imagens, como pontua no filme o cineasta Wim Wenders. E frente a isso está esse filme, criando um espaço para que as imagens sejam sentidas, no qual a visão é explorada subjetivamente, e é metaforizada pelos efeitos técnicos.



A própria câmera funciona com base em princípios análogos aos da visão. E explora visões desviantes por meio da utilização de imagens desfocadas, ruído, blackout, enfim, artifícios que destoam da ideia de uma imagem limpa e focada: os então defeitos de imagem sugerem sensações visuais. O que seria entendido como uma limitação ou dificuldade de visão é encarado como possibilidade poética, devido à utilização desses recursos cinematográficos.

O ruído é transformado em beleza. São tecidas imagens internas e externas, a pele do corpo é filmada como uma paisagem, em close, engrandecendo poros e pêlos, dando a esses dimensão de vales, fendas e montanhas como a enunciar uma fala a que só pode ser apropriada pelo toque. Sentir com olhos, olhar com o toque, à maneira do fotógrafo cego Evgen Bavcar. O destaque dado à figura dele não passa despercebido, o cego que vê através de sua máquina o mundo que ele interpreta, montando e remontando cenas, ou seja, não se trata de uma máquina que apenas fotografa, mas de uma máquina que encena, que teatraliza, que cria sua dramaturgia própria.



A trilha sonora original de José Miguel Wisnik está em sintonia com a proposta de tempo e espaço adequado ao tipo de percepção proposto pelo filme. Os sons não conflitam, são de cunho minimalista, precisos e em consonância com as paisagens e os depoimentos. Esses sons dão o tempo na medida certa de apreensão das paisagens que também são vagarosas, percorridas por uma câmera que vagueia, esmiuçando detalhes.



Os olhares escolhidos para terem voz são os de vários artistas: escritores, poetas, atores e diretores de cinema. Essa escolha orienta uma concepção da visão que embasa o filme. Manoel de Barros nos diz em seu depoimento: “[..] é a imaginação [..] que transfigura o mundo, que faz outro mundo pro poeta e pro artista de modo geral, a transfiguração é que é a coisa mais importante pro artista.” E é essa ação de transformar, dar outra forma, do que se entende por visão que o filme propõe por meio desses depoimentos.

O neurologista e escritor Oliver Sacks pontua que a frase que nomeia o filme sugere que os olhos são passivos, porém ele discorda dessa passividade colocando que “[...] o que vemos é constantemente moldado pelo nosso conhecimento, nossos anseios, nossos desejos, nossas emoções [...]” A ideia do cientista é que podemos ver com os “olhos da mente” e que a forma de ver o mundo está inextricavelmente ligada à emoção, à ternura, ao sentimento em geral.



O cotidiano é desenhado de uma outra forma. Vemos pelo depoimento do vereador Arnaldo Godoy como ele construiu uma geografia própria da cidade, com uma particular geometria que vai desde o aprendizado dos sinais de trânsito até os sons que escuta. Ele cria uma imagem da cidade sem vê-la e que é pontual, pragmática, servindo dessa forma ao seu fim de transitar pela urbanidade.



Lacan (1998) mostra como o sujeito do desejo se constitui por meio de jogo de olhares espetaculares em que a visão assume um papel preponderante na constituição da subjetividade humana. Nessa forma de constituição, é pelo o olhar que buscamos o outro para nos dar nossa humanidade. Entretanto, por ser dada dessa maneira, instala-se desse modo no sujeito um radical desconhecimento de si mesmo. Na concepção lacaniana, dizer que o olhar do outro nos é constitutivo não significa dizer que um cego não possa constituir sua subjetividade, por meio dos outros sentidos o cego abrirá para si outras possibilidades de percepção.



Em seu *Ensaio Sobre a Cegueira*, José Saramago, ao retirar um dos sentidos dos mais constitutivos do ser humano, a visão, expõe em vísceras o caos do que representa um mundo sem leis. Ao eliminar a possibilidade de o outro nos dar um retorno sobre nossa própria constituição (ele retira a visão de todos os personagens, exceto de uma mulher) convida-nos a pensar na dimensão de um mundo que suplantou a ética. Sem a ética, todo elemento de brutalidade e barbárie é possível, perdendo-se mesmo a noção de humanidade tão arduamente conquistada pelo processo de civilização, conforme mostra Freud no *O mal-estar da civilização* (1997).



Por meio dessa alegoria, Saramago põe em xeque a luxúria desenfreada que habita a modernidade; estuprar, matar por um pedaço de pão, passam aí a ser coisas naturalizadas. Como dissemos, a única personagem que mantém a visão de fio a pavio no decurso do livro é uma mulher, e, se ela conserva a visão, é justamente por manter sua dignidade e sua ética, muitas vezes conduzindo os cegos, mas não se deixando trapacear por suas inúmeras armadilhas.



Outra interpretação da visão nos vêm do conto de Italo Calvino, *A Aventura de um Míope*, em que o personagem ao perceber a realidade de forma nebulosa procura ajuda médica, passando a usar óculos. A princípio, se vê contente e confortável, para logo em seguida ser pego pelo drama: com óculos ou sem óculos sua visão permanece turva. A realidade desfocada põe em questão seu próprio descentramento como sujeito, representado pelo ato de ver e não ser visto; ser visto e não ver. De forma metafórica, estamos em face de um sujeito que perdeu o sentido do mundo. No conto, ao contrário do filme, o personagem não encontra outra forma de ver que não passe pela visão ocular, limitando-se a viver preso nas grades de seu drama ao não experimentar outras possibilidades de visão.

Outra experiência em consonância com o filme nos vem do grande escritor Jorge Luís Borges. Cego, aos 55 anos, é aí que Borges produz a maior parte de sua obra. Quando indagado sobre seu obsessivo desejo de frequentar museus, ele respondeu que não via as obras, mas que pressentia a presença delas, quando como estamos próximos ao mar, mas ainda não podemos vê-lo. Borges ainda diz que desconfia que há beleza em tudo e que somos nós que não sabemos ver.

É em busca da beleza que os entrevistados de *Janelas da Alma* se entregam. A priori, o que poderia ser a feiúra do mundo se transforma em busca de sentido, ressignificação da existência.

## Referências

CALVINO, Italo. A aventura de um míope. In:\_\_\_\_\_. **Os amores difíceis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

JANELAS da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Produção: João Jardim. Música: José Miguel Wisnik. 2001. 1 DVD (73 min.), widescreen, color.

LACAN, Jacques. O estado do espelho como formador da função do eu. In:\_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Recebido em: 20/09/2012

Aceito em: 21/09/2012